



ESTUDO GRAFEMÁTICO DE DOCUMENTO DO SÉCULO XIX (GRAPHENATIC STUDY OS A 19th CENTURY DOCUMENT)

Elisabete Massami NISHI (G-Universidade de São Paulo)

ABSTRACT: *The focus of this paper is on the graphematic and orthographic studies of: (a) the uses of “h”, (b) the analysis of the variation of graphemes <e> and <i>, and (c) the analysis of word frontier, in 19th Century document, in order to identify possible criteria for each use.*

KEYWORDS: *Portuguese Philology; Old Portuguese; Orthography; Grapheme.*

0. Introdução

Considerando o estudo de manuscritos antigos como uma das principais fontes de dados para a investigação da história do português, este trabalho vem a apresentar a edição semi-diplomática de uma carta manuscrita do século XIX, datada de 29 de Maio de 1828, sem assinatura ou autoria. A carta foi emitida de um Quartel em Santos, e leva ao conhecimento de autoridade constituída um “Concelho de Investigação”, em que se relata atitudes do comando militar que serão objeto da investigação, revelando a posição do emitente perante a situação abordada. O documento original pertence ao acervo documental que constitui o Fundo Milícias da Marinha Santos, do Arquivo da Câmara Municipal de Santos, cujos documentos datam de 1792 a 1832. Segundo classificação constante no inventário do referido acervo, este documento é agrupado no assunto “Disciplina”, série “Ofícios sobre Conduta”.

A edição obedece rigorosamente as “Normas para transcrição de documentos para a História do Português do Brasil”, dos projetos “Para a História do Português do Brasil” e “Projeto Filologia Bandeirante”, estabelecidas no II Seminário para a História do Português Brasileiro – Campos do Jordão-SP, 1998.

1. Objetivos e metodologia de trabalho

O objetivo específico deste trabalho é o de realizar um estudo ortográfico/grafemático, (a) abordando o emprego do “h” e (b) analisando a variação no uso dos grafemas <e> e <i> recorrentes no presente *corpus*. Além disso, mencionaremos a questão da fronteira de palavras, com o objetivo de levantar algumas hipóteses que norteiam tal ocorrência.

A metodologia utilizada baseou-se no levantamento dos itens que serão objetos de análise e na bibliografia pertinente, fazendo-se as considerações necessárias e adaptando-as, levando em conta a limitação do para este estudo.

O *corpus* adotado é um documento integral em 1 fólio, 2 páginas de frente e verso. Traz caligrafia cursiva e uniforme, levemente inclinada à direita, de tamanho



médio de 0,6cm e espaçamento entre linhas que obedece uniformemente a altura de 0,6cm. O suporte é papel, cor amarela-acinzentada, em bom estado de conservação, reconstituído, com apenas poucas marcas de corrosão por traças. A dimensão do fólio é de 21cm de largura por 31cm de comprimento. A tinta utilizada é não-corrosiva, de cor marrom-escura.

2. Edição semi-diplomática do documento

||1r.|| *Illustrissimo eExcelentissimo Senhor* | Levo à prezença de *Vossa Excelencia* o Concelho de Inves|tigaçãõ que mandou proceder Henrique Marques de | Oliveira *Lixboa* Sargento Mor Graduado Tenente Coronel eComandante | do 3^o Corpo de Artilheria de poziçãõ contra o Soldado | Joaquim Joze Marques Braga do Batalham do meu Comando | adido ao dito Corpo de Artilheria; cujo Processo me foi trans|mittido em consequencia do Officio, constante da Copia | inclusa, que dirigi ao *Senhor Governador* desta P[raça]: eu não | duvido que se deve conhecer da Culpa arguida ao dito | Soldado, sendo porem promovido pelo seu respectivo Co|ronel na forma da Ley; e ser qualificado nullo oprezente | Concelho: Primeiro porque o referido Comandante forçou a | Ley em não remeter ao seu Coronel aparte accusatoria | contra odito Soldado: Segundo por ser o Prezidente deste | Concelho o Tenente Joaõ Baptista Moreira Comandante | da 4^a. *Companhia* no interno desta Praça, na qual hé adido | odito Soldado; o que hé prohibido pela Ley de servirem | de Vog[a]es os Comandantes deCompanhias em Concelhos feitos aSub|ditos da mesma: 3^o que a Ley prohibe continuação | de Processos depois da entrada do Sol, verificando-se | assim a nullidade do prezente Concelho, porque tendo | principio no dia 27 do corrente mez às quatro horas emeia | da tarde, foi continuado thé as oito horas emeia da noite | quando se fez o enserramento.

Permitta-me *Vossa Excelencia* não deixar occul|to os primeiros motivos que ocorrerãõ neste cazo; pois que | vindo no dia 25 a minha Caza o mencionado Soldado | a exporme que estava doente, e que tinha medo de dar parte | porque o Tenente Baptista Logo mandava para a guar|da, ou para o Xadrez; Ordeneilhe entãõ que fosse dar | parte ao Sargento, o qual a daria ao Oficial Comandante | da Companhia a quem competia o conhecimento da cau|za de sua impossibilidade, e que eu não tinha *authoridade* | em cazos semelhantes: foise o Soldado e praticou *oque* | eu lhe dice dando parte ao Sargento, e este a deu ao | Oficial; no entanto foi obrigado o Soldado aentrar de *guarda*, ||1v.|| e entrando de Sentinella sentou-se, e mandou dar | parte ao Sargento da guarda, que por doente não podia | estar de Sentinella, repetindo isto por trez vezes; eche|gando o Sargento mandou que pegasse n'Arma, res|pondeu que não podia; Logo o Sargento lhe deu huã | Bofetada na Cara que o atirou no Cham; Levantou-se | oS[oldad]o e [pe]gando n'Arma, ao mesmo tempo Lança a | maõ [o] Sargento adita Arma, e foi quando se ferio talvez | por segurar pela Bayoneta: eu não dezculpo aoS[oldado], | porem auxilio estes cazos de huma recha, e provocação | incitada.

Acho ser do meu devêr participar | a *Vossa Excelencia* o quanto expendido tenho para oconhecimento | de*Vossa Excelencia* que mandará porem o que for servido.

Deus Guarde a*Vossa Excelencia* por muitos annos. Quartel em San|tos 9 de Maio de 1828.



3. Descrição e análise dos dados

Primeiramente, apresentaremos sobre o emprego do “h”. Cabe observar que excetuaremos os casos de acompanhamento do <h> a <l>, <n>, <c>, que compunham sons palatalizados. Levantamos no presente *corpus* a ocorrência dos vocábulos *hé* (l. 13; l. 14), *prohibido* (l. 14), *prohibe* (l. 15), *thé* (l. 18), *authoridade* (l. 26), *huã* (l. 31) e *huma* (l. 35).

As ocorrências de *hé*, acentuadas, apontam para uma das tendências levantadas por Gonçalves Viana (1930:57), que distingue o emprego do <h> como: acompanhante de outras letras para representar sons palatalizados; separador de vogais (hiato), como em *sahir* e na posição inicial; “para dar mais corpo a vários monossílabos”, citando para este último caso, exemplos como *hŷu)v, ηνμα*; ou ainda, para diferenciá-los de outros vocábulos, como por exemplo, *hé* do verbo “ser” em relação à conjunção “e”. Segundo o mesmo, este último emprego consolidou-se, sendo muito comum a sua freqüência à época. Já em 1783, Bacelar (1996:159) mencionava, em suas regras gramaticais “Collecção de Leis”, que o <h> deveria ser eliminado e substituído por uma acento agudo, excetuando-se os casos de palatalizados e etimológicos.

Outros estudiosos referem-se a este estudo como emprego “impróprio” do <h> inicial, como o caso do *hé*, e também do *hŷu)v, ηνμα*: Melo (1981: 163) observa que “o *h* inicial quase não se usava, embora por vezes aparecesse em palavras que não o deveriam ter, conforme exemplificam escritas como *hobra, hordenar, honde, hum, he*, e outras.” Com esta posição concorda Coutinho (1976:74), que além disso menciona a indicação de uma vogal aberta ou monossilábico tônico, em que se pode considerar o caso do vocábulo *thé* (l.17). Tais empregos de <h>, pseudo-etimológicos, poderiam sugerir uma suposta “erudição”, ao fazer soar como um latinismo. J.J. Nunes faz referência a isso: “Com o Renascimento, a admiração que já existia pelo latim, redobrou, subjugando os espíritos de forma tal, que a sua ortografia tornou-se o modelo da nossa”, e no texto editado, tomamos como exemplo o caso de *authoridade* (l.25), além de *hŷu)v, ηνμα*.

Os vocábulos *prohibido/prohibe* podem ser considerados de origem etimológica, ou seja, tiveram suas grafias estabelecidas de acordo com a grafia original latina, embora retomadas tardiamente, após o Renascimento, tendo antes uma provável fase de grafia fonética. Segundo Said Ali (1964:45) “o espírito da Renascença, aproximando-se mais do latim, supriu *h* em algumas palavras, e restabeleceu-o em outras.” Também poderia ser considerado como critério hiático, como era corrente em documentos da mesma época, exemplos como *sahida, Piauhi, Parahyba, bahia*.

Podemos ter em comum a noção de que não há muito critério de emprego do <h>, ou seja, há regras, porém elas não são cumpridas como determinam os gramáticos, e não obedecem ao tempo linear das delimitações dos ditos “períodos”, sejam eles fonético, pseudo-etimológico ou simplificado. Gonçalves Viana (1908:67) diz que: “O que é verdade, porém é que, ao lerem-se os vocábulos ou nomes próprios em que êsses grupos figuram, ninguém se importa com o *h*, cujo valor se ignora, parasita que na realidade nada representa, e é contra todos os princípios sensatos de transliteração, mesmo científica, visto que dêste modo se figuram por duas letras, uma delas sem valor apreciável, símbolos que em tais alfabetos são monogramas, e não diagramas. Acresce a



esta consideração principal outra não menos ponderosa, a qual consiste que êsse *h* exerce funções diversíssimas, o que equivale a não exercer nenhuma.”

Tabela 1 – Síntese sobre o emprego do “h” no documento:

Exemplos:	Número da linha	Critério de emprego
hé	13; 14	“para encorpar monossilábicos” (G.VIANA) / distinção com a conj. “e”
proibido; proíbe	14; 15	etimológicos/hiáticos (G. VIANA)
thé	18	acentuação de monossilábico (COUTINHO)
authorityde	26	pseudo-etimológico
huã, huma	31; 35	pseudo-etimológico

O segundo aspecto verificado é a variação no uso dos grafemas <e>, <i> recorrentes no presente *corpus*. De acordo com Barbosa (1830:62), já se verificava a oscilação entre as grafias de <e> e <i> em casos de ditongos orais, como é o exemplo *Vogaes* (1.14). Quanto ao item lexical *recha* (1.35), verificamos que de acordo com o estudo de arcaísmos realizado por Penha (1997), em que são explorados levantamentos em literaturas antigas, regionais e no levantamento de campo (oral), há confirmação da ocorrência do vocábulo [r]es&a] (por *rixa*), como caso de vogal tônica medial. As fontes em que se encontraram tais ocorrências são: nas literaturas regionais: Catulo da Paixão, *Poemas escolhidos*; Rodrigues Carvalho, *Cancioneiro do Norte* (1966). Na “língua antiga”, em D. Francisco Manuel Melo, *Apólogos dialogais* (1959); Diogo do Couto, *O Soldado prático* (1937). E no levantamento de campo, feito pelo autor intitulado *Aspectos da Linguagem de São Domingos*.

Segundo Silva (1996:59), a oscilação <e> e <i> é muito presente tanto em posição inicial absoluta quanto em posição pretonica interna, atribuída ao fato de haver um período de flutuação fonética. Isto poderia explicar a grafia de *semelhantes* (1.26) por *semelhantes*.

Tabela 2 – Ocorrência de variação dos grafemas <e> e <i> no documento:

Exemplos:	Número da linha na Edição	Empregado por
Vogaes	14	vogais
semelhantes	26	semelhantes
recha	35	rixa

O terceiro aspecto ortográfico a ser analisado é o estabelecimento (ou não) da fronteira de palavras. Listamos a seguir todo o levantamento extraído do texto:

Tabela 3 – Levantamento de fronteira de palavras no *corpus*



Ocorrência	Número da linha	Categoria Gramatical
eExcelentissimo	1	conjunção
eComandante	3	conjunção
oprezente	9	artigo
aparte	11	artigo
odito	11; 13	artigo
aSubditos	13	preposição
emeia	18 (2 ocorrências)	conjunção
exporme	22	clítico
Ordeneilhe	23	clítico
foise	26	clítico
oque	27	artigo
aentrar	28	preposição
eche gando	30	conjunção
oSoldado	32	artigo
adita	33	artigo
aoSoldado	34	preposição + artigo
oconhecimento	37	artigo
deVossa Excelencia	38	preposição
aVossa Excelencia	34	preposição

Podemos verificar, conforme tabela de dados acima, que o escriba não estabelece fronteira de palavras, em sua maioria, nas ocorrências de artigo, preposição ou conjunção. Entretanto, não é regra geral, pois no restante do texto há ocorrências dos mesmos casos e suas fronteiras estão devidamente realizadas. Em particular no caso dos clíticos, temos três exemplos: “exporme”, “Ordeneilhe” e “foise”; e o mesmo texto traz, em contrapartida, outros casos grafados com hífen: “Permitta-me”, “verificando-se”, “sentou-se”, “Levantou-se”. Sobre essa particularidade, Said Ali (1964:47) menciona: “Escreviam-se outrora os enclíticos unindo-os, sem separação alguma, à palavra a que ficavam subordinados e continuou-se esta prática ainda em tempo de Vieira e Bernardes. Aqui servir-nos-emos do hífen de maneira tal, que se possa apreciar a ação fonética do vocábulo átono.”

4. Conclusão

É sabido que há uma tendência em distinguir três fases na evolução da ortografia da língua portuguesa. De acordo com Melo (1981:161), J.J Nunes classifica que a primeira é uma fase *fonética*, que abrange textos dos séculos XIII ao XV; a segunda é a *pseudo-etimológica*, do XVI a 1904, marcada pela publicação de *Ortografia Nacional*, por Gonçalves Viana, a partir do qual é chamado de *ortografia simplificada*. Segundo tais critérios, podemos concluir que, à época deste documento (1828), havia uma grande oscilação entre os o uso dois primeiros critérios. Para o emprego do <h>, verifica-se que ocorrem ambos os critérios, o fonético e o pseudo-etimológico, os



renomados gramáticos tentavam sistematizar o uso, mas pela própria inconstância, pode-se concluir que de fato, o uso prático nem sempre seguia as normas. Com relação aos grafemas , <e> e <i>, a variação no emprego pode ser atribuída ao critério fonético, no presente *corpus*. Para a questão da fronteira de palavras, diante da concomitância de casos com adequada utilização de hífen e com ausência de fronteiras, poderíamos, por ora, avaliar que sobretudo a Imprensa poderá ter exercido uma influência no estabelecimento de uma fronteira de palavras.

RESUMO: *O enfoque deste trabalho é sobre o estudo grafemático e ortográfico de: (a) empregos de “h”, (b) variação no uso dos grafemas <e> e <i>, e (c) a fronteira de palavras, em um documento do século XIX, com o objetivo de identificar possíveis critérios para cada emprego.*

PALAVRA-CHAVE: *Filologia Portuguesa; Português Arcaico; Ortografia; Grafema.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOZA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portuguesa*. 2^a. ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1830, p.56-84.
- BACELAR, B. L. M. *Gramática filosófica da língua portuguesa*. Reprodução fac-similada de edição de 1783 com introdução e notas pelo acadêmico correspondente Amadeu Torres. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1996, p.113-191.
- CAMBRAIA, C. N., CUNHA, A. G., MEGALE, H. *A carta de Pero Vaz de Caminha*: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p.23-26.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976, p.71-80.
- FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS. *Inventário – Fundo Milícias da Marinha de Santos*. Santos: Abril/97. (relatório)
- GOLÇÁLVEZ VIANA, A. R. *Ortografia nacional*. Lisboa: Viuva Tavares Cardoso, 1904, p.57-67, 288.
- MELO, G. C. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981, p.159-168.
- NUNES, J.J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 5^a. ed. Lisboa: Clássica, p.186-196.
- PENHA, J. A. P. *Português rural de Minas numa visão tridimensional*. Franca: UNESP, 1997.
- SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3^a. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964, p.33-52.
- SILVA, R.V.M. e. *O português arcaico: fonologia*. 3^a. ed. São Paulo: Contexto, 1996, p.59.